

MÁTRIA DIGITAL

Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão

ISSN 2183-1467

CIL II 403 – Reflexões em torno de uma ara perdida

José d'Encarnação¹

Resumo

Por um manuscrito de 1630, houve conhecimento do texto de uma inscrição romana, que, pelas múltiplas informações que dele se poderiam desprender, tem sido alvo de variadas publicações. Trata-se, de facto, da dedicatória feita por um soldado, de origem lusitana, que identifica o corpo militar em que prestou serviço e em que cargo, a uma divindade mui provavelmente pertencente ao panteão da sua terra de origem, perto de S. Pedro do Sul, no coração do *conventus Scallabitanus*. Propõe-se, afinal, que a divindade honrada haja sido identificada com *Sulis*, a grande 'padroeira' da conhecida estação balnear romana (e actual) Bath, na Inglaterra, cujo nome foi *Aquae Sulis*.

Palavras-chave: S. Pedro do Sul, exército romano, *signifer*, *imaginifer*, *Sulis*

¹ Professor catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, na área de História Antiga e Arqueologia. Membro do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Membro do Centro de Investigação Doutor Joaquim Veríssimo Serrão; Académico de mérito da Academia Portuguesa da História; Académico correspondente da Real Academia de la Historia (Madrid) e da Academia das Ciências de Lisboa. Especializou-se em Epigrafia Latina, domínio em que a sua obra é reconhecida internacionalmente.

Página: http://www.ua.es/personal/juan.abascal/encarnacao_jose_de.html

Abstract

A Portuguese manuscript of 1630 show us the text of a Roman inscription, that give us very important news about, for example, the indigenous pantheon and about the religion of the Roman army, even the cult of indigenous deities by the soldiers. Many authors have already study and comment this epigraph, above all because isn't clear neither the divinity's identification neither the charge (*imaginifer?* *signifer?*) of the soldier. The account of all these contributes are here mentioned and, at the end, the author proposes that the indigenous divinity honoured is identified with *Sulis*, the goddess of the famous *Aquae Sulis*, in England.

Keywords: S. Pedro do Sul, Roman army, *signifer*, *imaginifer*, *Sulis*

Nota prévia: na medida em que se trata de um texto com mui variadas 'intervencões', vamos optar por as indicar por ordem cronológica, fazendo, desde logo, em cada uma, os inerentes comentários.

1. 1630 – Manoel Botelho Pereira

Escreveu Manoel Botelho Pereira, «no anno de 1630», o manuscrito intitulado *Dialogos Moraes e Politicos sobre a Fundação da cidade de Viseu e seus Bispos*. Está agora acessível no acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal o exemplar da biblioteca das Beiras da Casa Pombal, identificação nele exarada, em nota, pelo capelão bibliotecário dessa mesma Casa, em Lisboa, no ano de 1847, Manoel Rodrigues de Fonseca (?).

Insere-se a obra no rol das várias que, por essa época, se fizeram sobre cidades portuguesas, no intuito de, com esse ressuscitar de um glorioso passado, se animarem os Portugueses a lutar contra o domínio espanhol.

No âmbito das antiguidades, as inscrições romanas não podiam passar despercebidas e mereceram, por isso, a atenção do escritor. Compulsou a obra Emílio Hübner e por essa via acabaram essas epígrafes por ser tidas em consideração. De uma – vem na p. 62 – se irá aqui tratar, no intuito de procurar esclarecer as dúvidas que, entretanto, se instalaram.

Escreveu Manoel Botelho Pereira:

«(...) Dentro deste castelo em pedra viva de letras malfeitas achei estas palavras: (...)

E outro [letreiro] me disseram que havia, que não pude achar, mas à porta da Igreja Nova estava uma pedra levantada, que saiu da Igreja Velha com algumas letras já gastas em cujo lugar vão os riscos, e diz assim:

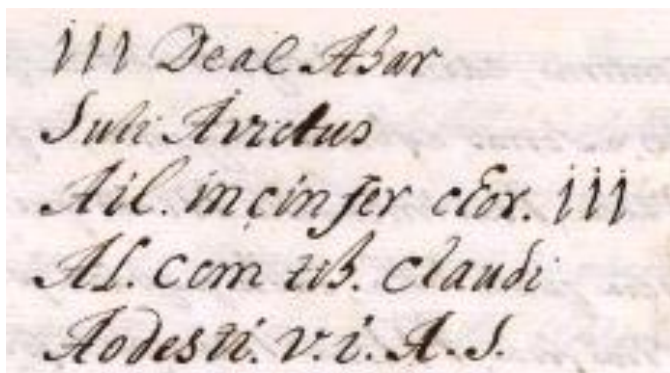


Fig. 1 – A inscrição no manuscrito de Botelho Pereira.

/// Deal Abar
Suli Avitus
Mil. inçinfer chor. ///
Ml. cem tib. claudi
Modesti. v. i. A. S. »

Os riscos referidos estão no começo da l. 1 e no final da l. 3.

Comentário: Os riscos indicam, realce-se, a dificuldade em identificar as letras; portanto, a hipótese de se ler uma coorte III é... ficção!

2. 1869 – Hübner e Mommsen

Hübner e Mommsen [1869], esclarecendo que se tratava das igrejas de Pinho, localidade do concelho de S. Pedro do Sul, pois sobre essa zona estava Botelho Pereira a escrever, propuseram a seguinte leitura (CIL II 403):

403 Vizeu, d porta da igreja nova estava luma
pedra levantada, que sahio da igreja velha
[da Pinho] com algumas letras já gastas.

/// DEAL CABAR
SVLI AVICTVS
AIL·INCINFER·CHOR·III
AL·CEM TIB·CLAVDI
AODISTI·V·I·A·S

Pereira f. 59.

Leges sic fere: *deas Cabar ... | Sul[^p(ictus)]
Avitus [m]it[^{es}] imaginifer (fuit in lapide INCINFER)
chor(tis) III | [G]al[lorum] ce[nt]ur[is] Tib. Clau-
di | [M]o[re]sti c[otum] l[ubens] a[nimo] s[oluit].
Cl. Or. 3478 milit[is] leg[ionis] I Minervias ima-
ginifero. Pleraque restituit Mommsenus.*

Fig. 2 – A ficha de CIL II 403.

/// DEAL CABAR
SVLI AVICTVS
AIL·INCINFER·CHOR·III
AL·CEM TIB·CLAVDI
AODISTI·V·I·A·S.»

Indicam como procedência a f. 59, sinal de que não utilizaram o manuscrito de que ora dispomos e propõem a seguinte

interpretação, a maior parte dela da autoria de Mommsen («pleraque restituit Mommsen», explica Hübner):

*Deae Cabar... | Sul[p(icius)] Avitus | [m]il(es) imaginifer
chor(tis) III | [G]al(lorum) ce[nt(uria)] Tib · Claudi | [M]od[e]sti v(otum)
l(ubens) a(nimo) s(olvit)*

Como eventual termo de comparação é citada – a partir de Johann Orelli nº 3478 – a inscrição de Lyon, que é o epitáfio de *Solemnus Fidus*, aí identificado como *milit(i) leg(ionis) I Minerviae im{m}aginifero* (EDCS-10500850).

3. 1896 – Holder

A partir de CIL II 403, Holder (1896) transcreve a inscrição, s. v. «Cabar...», sem pontos de interrogação, atribuindo ao nome a categoria de teónimo (G. – de Gott). Há, nessa mesma coluna, a referência à inscrição CIL II 5739, procedente de Ablaneda, paróquia de S. Juan de Godan, perto de Salas, e que se encontra no Museu Arqueológico Provincial de Oviedo (Astúrias). Trata-se do epitáfio de um indígena, *Flaus Auledi filius*, que, apesar de ter morrido com apenas 15 anos, está identificado como *Cabarcus* e, possivelmente, da *centuria Beriso*. O citado *Cabardensis pagus* vem referido, de seguida, por Holder: situa-se no departamento de Aude, junto a Carcassona, e não na Península Ibérica, como a frase de Blázquez poderia dar a entender. E a inscrição dedicada a *Minerva Cabardiacensis* por uma *Maria* (CIL XI 1301) assim como a dedicada a *Minerva Medica Cabardiac(ensis)*, por *Valeria Sammonia Vercellensis* (CIL XI 1306) são da região de Piacenza, na Itália. Holder alude ainda a um *praedium* «cuius Cabariacense vulgo vocabulum est», informação que colheu na *Vita Magnobodi* 2, 16, santo ligado à Abadia de Saint-Aubin d'Angers, em França.

4. 1905 – Leite de Vasconcelos

Leite de Vasconcelos, sob o título *Cabar?, insere a informação de Hübner no apartado das «divindades de carácter incerto» (1905, p. 317), acrescentando:

«Esta inscrição perdeu-se; pelo menos procurei-a em vão em Viseu, em 1903».

Comentário: Quanto ao local de achado, o texto de Botelho Pereira não oferece dúvidas: ele viu a inscrição, leu-a e copiou-a em caracteres cursivos. Por conseguinte, não há que procurar a pedra em Viseu (como Leite de Vasconcelos escreve), mas sim em Pinho. Tendo estado à entrada da igreja nova, retirada que fora da igreja velha, não haverá meio de descobrir onde é que ela terá ido parar depois? Botelho Pereira não indica dimensões, mas não será, porventura, descabido pensar que se estava perante uma ara que, com cinco linhas e, ainda por cima, mandada lavar por um militar, poderia ter um metro de altura ou mais.

5. 1957 – Blázquez Martínez

Será com base nesta página de Vasconcelos que Blázquez Martínez escreve (1957, p. 57):

(...) *Cabar* (...), seguramente a divindade hispânica identificada com Minerva, pois a lápide foi consagrada por um militar. Conhece-se outra inscrição dedicada a *Minerva Cabardiscensis*. O epíteto (...) é provavelmente um topónimo. Na Península há um 'pagus cabardensis' e, citando Holder (I col. 659), escreve: «As inscrições recolhem nomes como Cabarcus, Cabaris.

Comentário: Estranha-se a proposta de possível identificação com Minerva, por o dedicante ser um militar; o mais normal, por esse motivo, seria uma identificação com Marte.

6. 1962 – Blázquez Martínez

Em 1962, o professor repete estas considerações e acrescenta (p. 208-209):

A inscrição é do século I; data em que a *Cohors III Gallorum* esteve na Bética, vinda de Itália. *Cabar* apresenta um radical baseado num nome de animal, como é frequente no onomástico peninsular. No presente caso, o nome seria o indo-europeu **Kapro*, cabra (Pokorny, IEW, 529).

Julius Pokorny foi um linguista alemão que muito se interessou pela etimologia destas palavras – nomeadamente teónimos – que surgiam nas inscrições e que pouco ou nada tinham a ver com o latim. Foi, de certo modo, o iniciador desta corrente, muito propensa a atribuir boa parte das etimologias a uma língua comum, o indo-europeu, de que essas estranhas formas seriam um derivado mais puro. É, por esse motivo, assaz citado pelos primeiros investigadores dessa área, a partir de meados do século passado.

7. 1971 – ILER

A inscrição será incluída em ILER 771, como testemunho do culto à divindade indígena *Cabar*, com a leitura de Blázquez.

8. 1975 – DIP

Em 1975 (p. 151-152), José d'Encarnação escreve «consta ter existido uma pedra»; dá conta das leituras anteriores; inclui **Cabar* no rol das divindades indígenas e conclui:

«Lendo as transcrições feitas, salta imediatamente à vista como são precárias todas as hipóteses lançadas sobre esta base tão frágil – a indicação de Pereira».

Comentário: Como atrás se referiu, não pode dizer-se «consta ter existido uma pedra». A pedra existiu mesmo.

9. 1975 – Blázquez

Também em 1975², José María Blázquez inclui 'CABAR...' no seu dicionário das religiões pré-romanas da Hispânia (p. 51) e, apesar de começar por afirmar que se trata de uma «lectura dudosa», adianta considerações linguísticas sobre o teónimo:

Presenta un radical basado en un nombre de animal como ocurre a menudo en la onomástica hispana; en este caso el nombre + *Kapro*, *cabra* (J. Pokorny. *Ind. Etym. Wört.* 529). Las formas gala *gabromagos* e irlandesa, *gabor*, se basan en *gabros* (M. L. Albertos, *Onomástica*, 64, mapa 2). U. Schmoll (*Germania*, 326) encuentra esta etimología problemática. Esta diosa probablemente se identifica com *Minerva* (el ara está consagrada por un militar), ya que otra inscripción consagrada a *Minerva Cabardiacensis* (CIL, X, 1301, 1306) señala claramente esta identidad. El epíteto es seguramente un topónimo; en la Península hay un *pagus cabardensis* y las inscripciones recogen nombres como *Cabarcus* y *Cabarie*. El ara procede de Viseu, Portugal. Letras del s. I.

10. 1982 – Patrick Le Roux

Teve P. Le Roux oportunidade de se referir a esta inscrição, a propósito da menção, para ele enigmática, à III coorte dos Galos (1982, pp. 150-151); considera, no entanto, que o monumento indicia um recrutamento local, ratificado por se tratar de uma dedicatória indígena, numa data que situaria após o reinado de Galba, atendendo aos nomes do dedicante e à estrutura textual, porquanto a identificação da divindade vem no princípio e não no fim. A 'ficha' da inscrição vem na p. 226, sob o n.º 191, numa versão ligeiramente

² Assinale-se que a coincidência de datas das publicações de Blázquez e de Encarnação não permitiu que um tivesse conhecimento do que o outro simultaneamente, digamos assim, publicara.

diferente da reconstituição apresentada por Hübner: [...] *dea[e] Cabar[... ?]; Sul[p(icius)] Avitus, | [m]il(es) [ima]ginifer ? chor(tis) III | [G]al(lorum) ?, cent(uria) [...] ...]esti, v(otum) l(ibens) a(nimo) s(olvit)*. Embora não o reconstitua na leitura, considera que o centurião se designava *Tib. Claudius Modestus*, daí que «a inscrição dataria, o mais tardar do último terço do século I» (1982, p. 226, nº 191).

Comentário: Compreende-se a hesitação de P. Le Roux, devido à indefinição do corpo militar em que o dedicante esteve alistado. A proposta de datação com base na identificação do centurião é a mais plausível.

11. 1991 – José Manuel Garcia

Em 1991, José Manuel Garcia incluiu esta inscrição sob o nº 597 (p. 524-525) no seu bem exaustivo rol das fontes epigráficas sobre as religiões antigas de Portugal, actualização das *Religiões da Lusitânia* de Leite de Vasconcelos. Referiu as objecções que se põem à leitura do teónimo e apontou a possibilidade de termos DEAE ABAR...

12. 1997 – João L. Inês Vaz

Em 1997, João L. Inês Vaz estudou minuciosamente o monumento, que tem o nº 19 (pp. 200-202) no seu catálogo; o local de achado é Pinho, freguesia de Pinho, concelho de S. Pedro do Sul, o paradeiro «desconhecido». Propôs a seguinte restituição (respeita-se a grafia apresentada):

[BAN]DE ALABAR(aico?) / SVLEN(sí) AVITVS / [...] COOHORTIS / [...]TIB(erii) CLAUDI(i) / MODESTI V(otum) A(nimo) S(olvit)

Traduziu:

«A *Banda Alabaraico(?) Sulense(?)*, Avito, ... da coorte de Tibério Cláudio Modesto, consagrou de ânimo leve».

Comenta o facto de os autores se não haverem apercebido que os traços apresentados por Pereira significavam letras por identificar e, daí, a sua proposta de restituir três letras no início da inscrição, optando por uma divindade assaz conhecida na região.

Para *Alabar*, o primeiro epíteto da divindade, aponta como possíveis paralelos os topónimos *Alaba* e *Alba* (CIL II p. 1137); alude à cidade de *Alabanda*, do Mediterrâneo Oriental, citada por Cícero (*De natura deorum* 3, 50), cuja divindade poderia ter o mesmo nome da cidade.³ Embora se trate de conjecturas, não deixa de também referir a região próxima, Alafões.

Quanto ao 2º elemento, *Sule*, recorda que poderá ter havido nas termas de S. Pedro do Sul um *vicus* porventura designado *Aquae Sulis*, justificando-se, desta sorte, como sendo este epíteto de origem local, consagrando a divindade própria. Aliás, levanta, inclusive, a hipótese de a actual designação do sítio ter resultado da cristianização de *Alabar Sulis*.

Não vê inconveniente em aceitar-se a identificação do centurião: *Tiberius Claudius Modestus*. E justifica não ter incluído *L(ibens)* na fórmula final, por não estar na versão de Pereira. Conclui afirmando que «deverá riscar-se *Cabar* da lista das divindades indígenas peninsulares».

³ É a seguinte a passagem citada: «Alabandenses quidem sanctius Alabandum colunt, a quo est urbs illa condita, quam quemquam nobilium deorum; apud quos non inurbane Stratonicus ut multa, cum quidam ei molestus Alabandum deum esse confirmaret, Herculem negaret, 'ergo', inquit, 'mihi Alabandus, tibi Hercules sit iratus'. Isto é, para a parte que nos interessa: os Alabandenses prestam culto a Alabandus, a quem atribuem a fundação da cidade.

Comentário – Corrijam-se, desde já, os lapsos desta ficha do saudoso João Vaz, independentemente de, no comentário final, voltarmos a esta sua hipótese de interpretação:

– Decerto, na tradução, não quereria dizer «de ânimo leve» mas sim «de livre vontade».

– Na transcrição de Pereira, há um I que será, mui provavelmente, o L de L(*ibens*), que Vaz não considerou.

– Na bibliografia, cita Roldán 1976, que, nesse artigo, não faz referência a esta epígrafe; também cita Vaz 1987b, a comunicação «Divindades indígenas da região de Viseu» apresentada ao VI Colóquio Português de Arqueologia, que não chegou a ser publicada.

13. 1997 – HEp 7

Desta interpretação de João Vaz há eco em HEp 7 1997, sob o nº 1297, interpretação aí considerada ‘muy hipotética’, apesar de ser «muy atractiva» a «relación con el topónimo moderno», podendo, quiçá, chamar-se também à colação – acrescenta-se – outro epíteto da mesma divindade, *Arbariaico*, e *Reve Anabaraeco*.

Comentário: Bem sugestiva a relação, proposta por Eugénio Luzán, com *Bandi Arbariaico*, o testemunho hoje perdido que teria sido encontrado em Capinha (Fundão) – CIL II 454. Pode ver-se sobre o eventual significado deste epíteto o que vem explicitado em HEp 11 2002 nº 661. Houve oportunidade, por parte de José d’Encarnação, de voltar, recentemente (2022, pp. 130-133), a debruçar-se sobre essa inscrição de Capinha.

14. 2014 – DIP

Na 2ª edição (digital) da obra *Divindades Indígenas...* (2014, p. 390), José d'Encarnação refere-se aos testemunhos de João Vaz e P. Le Roux, confirmando: «Não reapareceu esta epígrafe, que, aliás, já estaria bastante desgastada, pelo que as hipóteses de reconstituição carecem de ser validadas – e mui dificilmente o serão».

16. 2016 – Roberto López Casado

Em 2016, Roberto López Casado inclui a epígrafe no rol das que mostram «La pervivencia de la religiosidad indígena en los soldados del *exercitus Hispanicus*» (art. cit., pp. 202-203). Considera 'incerto' o nome da divindade, fazendo-se eco do que sobre ela escreveu Blázquez; quanto ao dedicante, escreve:

«Este soldado pudo haber sido oriundo de Hispania debido a la popularidad de su *cognomen*, reclutado para reforzar la cohorte de los galos cuando esta estuvo asentada en *Hispania*. La erección de este monumento pudo responder al ascenso al cargo de *imaginifer* o sencillamente buscaba la protección de esta diosa para una campaña militar en la zona donde era venerada».

Após atribuir-lhe o carácter de «deidad local», situando o seu local de achado «en el *conventus Lusitanorum*» [sic], faz-se eco das considerações de Blázquez acerca das características da divindade; cita CIL X 1301 e 1306, sem se aperceber da gralha cometida pelo professor. Embora considere que essa relação não será hipótese válida, não deixa de a fazer: é que, escreve, «en el valle de los ríos Eo y Masma y cercano a la costa, nos encontramos con los *Cibarci*. Posiblemente, se construyó una vía que ponía en relación este lugar con *Lucus Augusti*, vía en la que se ha hallado una dedicación a los *Lares Viales* y que, probablemente, fue construida por unidades militares». E continua:

«Además, con mención de *civitas/populus* nos encontramos Cibarco o con Cabarcos (Cabarco c. Beriso), en Salas, Asturias, al norte de Lugo».

Salienta, de acordo com a opinião generalizada que «la presencia del epíteto latino *dea*, junto al nombre de la deidad prerromana» significa que se trata de um “término genérico latino acompañado de un teónimo indígena”; ou seja, por outras palavras (que não as do autor), que essa presença veicula uma noção de divindade, que do teónimo indígena poderia não se depreender. Quanto ao dedicante, é de opinião que, na epígrafe, está consignado su *cursus honorum*:

«Tras ser *miles*, en el momento de la elevación del altar, había ascendido a *imaginifer* de la *cohortis* [sic] III *Galorum* [sic], aportando el dato de que pertenecía a la centuria de un desconocido centurión».

E termina:

«No sabemos si el motivo de la elevación del altar fue una posible expedición a un lugar donde la diosa Cabar recibía culto, por lo que aprovecharía para ponerse bajo su protección, o por agradecimiento a su ascenso».

Comentário: É fácil depreender, pela leitura do que se transcreveu, que López Casado se distraiu:

– na menção do *conventus*: não há um *conventus Lusitanorum* e Pinho situa-se no território do que foi o *conventus Scallabitanus*;

– na citação de CIL X, em vez de CIL XI (não terá tido ocasião de ir confirmar a citação);

– e no facto de consiederar “desconhecido” o centurião, cujo nome está, ao invés, bem claro na epígrafe.

16. 2016 – Narciso Santos Yanguas

Em 2016, ao estudar as representações solares em inscrições das Astúrias, Narciso Santos Yanguas assinala esta inscrição (pp. 145-147) e comenta, a propósito de *Cabarcus* da atrás citada epígrafe CIL II 5739:

En relación con el segundo componente nominal del difunto (*Cabarcus*) talvez nos lleve a pensar en su procedencia de la población de los cibarcos, mencionados en las fuentes antiguas como una de las comunidades galaicas del Occidente asturiano entre el Navia y el Eo, preferentemente en los aldeaños de la costa; ahora bien, la adopción de dicho calificativo no implicaría la existencia de una *civitas* de dicha comunidad, de características similares a la que se deriva del término *Vadiniensis*, recogido en ciertos monumentos epigráficos del oriente asturiano (...)».

17. – EDCS

A epígrafe consta do banco de dados EDCS, sob o nº 18100400 e com a leitura proposta por João Vaz:

[Ban]d(a)e Alabar(aico) / Sulen(si) Avitus / [3] co{o}hortis / [3] Tib(eri) Claudi / Modesti v(otum) a(nimo) s(olvit)

São citadas, como habitualmente, as fontes de informação, entre as quais AE 2017, 718, justamente porque aí se faz referência às inscrições CIL II 402-403. Ora acontece que se trata de uma gralha tipográfica: escreveu-se 402-403 em lugar de 2402-2403. Houve, pois, ocasião de informar desse lapso Manfred Clauss, que procedeu de imediato às devidas alterações.

Comentários

Após este longo e, à partida, insuspeitado excursão, cumpre tecer considerações sobre o que fica exposto, tendo em vista a clarificação do real interesse histórico deste monumento, voltando à observação minuciosa do que foi escrito por Manoel Botelho Pereira, até agora a única fonte disponível para estudo.

Veja-se, de novo, o que o manuscrito nos apresenta.

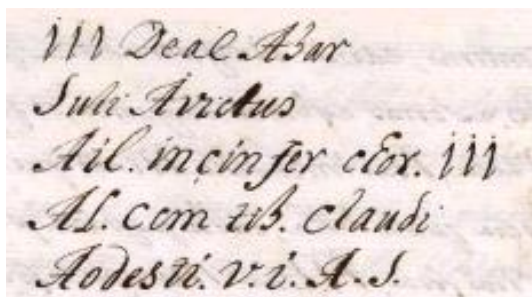


Fig. 1 – A inscrição no manuscrito de Botelho Pereira.

Dir-se-á, em primeiro lugar, que o contexto geral do manuscrito nos garante estarmos perante a cópia de uma inscrição autêntica, ou seja, como atrás se referiu, o autor viu a pedra e procurou transcrever – para dificuldade nossa, a única vez que o faz em cursivo – o que lhe foi dado ler, nas condições de luz em que o fez. E esta primeira observação prende-se, por exemplo, com o facto de ter lido **i**. na última linha onde, de certeza, estaria grafado **L**, só que essas condições lhe não permitiram discernir a barra do L. Por outro lado, não houve da sua parte critério na transposição para cursivo o que, no original, estaria tudo em capitais; dizendo doutra forma: foi preocupação que não teve; por isso, *tib.* está com minúscula.

O confronto com outras páginas do manuscrito em que o *ductus* é idêntico permite garantir a leitura *tib.* na l. 5, o que leva a ler *bar* no final da l. 1. O **I**, por seu turno, assume formas diversas, mas crê-se não haver dúvidas em aceitar que será um L (minúsculo, cursivo) o que o autor quis indicar na 4^a letra da l. 1, na 2^a letra da l. 2, na 3^a letra da l. 3 e em *claudi* (l. 4) – porque são formas que se identificam sem dúvida noutros locais do manuscrito. Também **cem**, na l. 4, se deve aceitar, pois temos testemunhos no manuscrito dessa ligação **em**. Igualmente se aceita, por haver paralelos, a aparentemente estranha grafia do **h** em **chor** (l. 3).

O que mais confusão pode lançar é o claro **A** maiúsculo cursivo patente em *Abar*, *Avictus*, *Ail*, *Al*, *Aodesti* e – igualmente –

na fórmula final. Atendendo a que não oferece dúvida que se deva ler *Modesti* (na l. 5), nos outros sítios, o que o autor percebeu foi, de facto, um M, embora, porventura, lhe tivesse ocorrido alguma dúvida, porquanto, noutras páginas com o mesmo tipo de letra (veja-se reprodução de parte da pág. 63 – fig. 3), o M maiúsculo é grafado como usualmente, ainda que, nessa mesma página, o M de **Muito** possa indiciar o que encontramos na cópia da epígrafe.



Fig. 3 – ‘Recorte’ da p. 63 do manuscrito.

Em suma, esse A é M e é A.

Assim, o texto poder-se-á transcrever desta forma, tendo em conta o que acabou de comentar-se:

/// Deal Abar
Suli Avitus
Mil. inçinfer chor. ///
Al. cem tib. claudi
Modesti. v. i. A. S.

O que parece não oferecer dúvida:

– a fórmula final dedicatória: V(*otum*) · L(*ibens*) · A(*nimo*) · S(*olvit*) · ;

– o nome do centurião, em genitivo: TIB(*erii*) CLAVDI(*i*) MODESTI;

– a referência a uma coorte cujo número se perdeu.

Igualmente não parece sofrer contestação que o dedicante se chamava *Avitus*, identificação com um só nome, à maneira indígena, porquanto a palavra *Suli* está bem clara e isolada na cópia de Botelho Pereira e reconstituir a partir dela o gentílico *Sulpicius* afigura-se-nos forçado, além de que é natural a identificação com um só nome, em contexto indígena, e não se conceberia com tanta facilidade a ausência do *praenomen* e a apresentação do *nomen* em abreviatura.

As dúvidas prendem-se com o cargo que ocupava: *mil.* será, naturalmente, a abreviatura de *miles*; Mommsen propôs reconstituir depois *imaginifer*, mas talvez não seja despiciendo preferir *signifer*. É, porém, esta uma questão de somenos, atendendo a que a importância militar dos cargos se equivale.

Dificuldade se vê na restituição de *[G]al[lorum]*, ainda que se reconheça que o habitual é indicar-se a etnia dos membros duma coorte.

No fundo, porém, a identificação da divindade é que tem provocado justificada discussão. Verifica-se, aliás, que é mais por esse motivo que a epígrafe tem sido referida.

Dir-se-á, em primeiro lugar, que *Cabar* ou algo de semelhante não encontra justificação plausível nas letras que o manuscrito mostra, pelo que tudo o que relacione a epígrafe com um *pagus Cabardensis*, a *Minerva Cabardiacensis* ou o etnónimo *Cabarcus* também não vem ao caso.

João Vaz propôs a reconstituição *[BAN]DE ALABAR(aico?) / SVLEN(si)*. Motivou-o três razões:

a) o facto de faltarem letras (porventura três) no princípio da epígrafe;

b) a circunstância de o monumento se ter encontrado numa zona em que a divindade *Banda* (chamemos-lhe assim) fora muito venerada e assumira epítetos locais;

c) a circunstância de o local de achado (Pinho) não ser significativamente longe de S. Pedro do Sul, reconhecido lugar de termas romanas e já o Doutor Jorge de Alarcão lançara a hipótese de, nas imediações de S. Pedro do Sul, poder ter existido um *vicus* de nome *Aquae Sulis*:

A dimensão das termas de S. Pedro do Sul e a distância a que o lugar se encontra de Viseu (cerca de 17 kms em linha recta) sugerem a existência aqui de um *vicus*. O nome, que não se acha atestado por nenhuma fonte literária ou epigráfica, poderá ser *Aquae Sulis*. Este topónimo existe em Inglaterra. Na Bética, havia um topónimo aparentado: *Suel*, *Sualis* ou *municipium Suelitanum*. *Sullecthum*, na Tunísia, e *Sulloniacae*, na Inglaterra poderão ter idêntico radical (1989, p. 307).

Veja-se, então, o que é possível afirmar.

Dir-se-ia que, à partida, seríamos tentados a ler DEAE, «à deusa»; contudo, a diferente grafia apresentada por Pereira, quase a sugerir *Deal*, pode infirmar essa hipótese. Considerar que as letras sumidas seriam BAN para se restituir um teónimo bem conhecido nesta região da Lusitânia não será, pois, descabido, para se ler *Bande*, sabendo como são diversas as desinências de dativo pelas quais este nome se apresenta: *Bandi*, *Bandei*, *Banduae*...

Nessa ordem de ideias, as letras seguintes indicavam um epíteto, eventualmente de origem étnica ou toponímica; João Vaz sugeriu, dubitativamente, ALABAR(*aico*?); as diferentes grafias do A dadas por Botelho Pereira (recorde-se que esse A maiúsculo é seguramente M na l. 5) aconselham a, de momento, ser cauteloso, aguardando que outros documentos venham a surgir. Como atrás se referiu, a sugestão de Eugenio Luján de se relacionar este epíteto com

o de *Bandi Arbariaico* de Capinha (Fundão) não é despropositada e pode aceitar-se, ainda que sob reserva

Atendendo à proposta apresentada por Jorge Alarcão, apontou João Vaz SVLEN(*si*), que não encontra justificação no texto transmitido por Pereira, onde claramente está *Suli*, o dativo do teónimo *Sulis!* Sempre se aceitara, sem mais, que essa poderia ser a abreviatura de *Sulpicius*, nome do dedicante, e, por isso, o que ora se nos afigura evidente passou despercebido. Na romana *Aquae Sulis*, a bem conhecida estância termal de Bath, na Inglaterra, prestou-se culto a esta divindade. Além de ser amiúde invocada em *defixiones*, temos, por exemplo, o epitáfio de *Caius Calpurnius Receptus*, que sua mulher identifica como *sacerdos deae Sulis* (CIL VII 53, EDCS-07800397), e o muito que se escreveu já sobre o templo de *Sulis-Minerva*, aí levantado (Richmond & Toynbee 1955, Cunliffe 1985, Tomlin *et alii* 1988). A título de exemplo de *defixio* (esconjuro) poder-se-á citar EDCS-17900029: *Deae Suli Minervae rogo Sanctissimam Maiestatem tuam ut vindices ab his qui fraudem fecerunt ut eis pemittas nec somnum...* O que significa, em tradução livre: «Rogo-te, ó Deusa Sulis Minerva, que, pela tua santíssima majestade, vingues aqueles que cometeram fraude, que não lhes seja concedido um sono repousado...».

Alicia-nos, pois, a hipótese de um dos dois epítetos da possível divindade *Banda* (ou outra) se conotar com um topónimo e o outro tenha sido inspirado pela deusa das termas de *Aquae Sulis*, atendendo ao renome que as termas de S. Pedro do Sul alcançaram, a ponto de haver mais uma divindade com elas relacionado: *Mercurius Augustorum Aquaecus* (Encarnação 1989, 318). Como também incitará os investigadores locais a possibilidade de, em prístinos tempos, o lugar se ter chamado S. Pedro **de** Sul e não **do** Sul, pois, à primeira vista, uma referência ao ponto cardeal pode não se afigurar

pertinente (há um S. Pedro do Norte?), enquanto que a referência à divindade maior das termas merece consideração. Certo é que temos não longe o rio Sul, afluente do rio Vouga⁴, Vouga que – como parece estar demonstrado (Encarnação 2023) – igualmente terá ascendido ao grau de divino; se também a designação desse rio está relacionada com a divindade será, porventura hipótese não despicienda.

Por conseguinte, quando se esperaria que o topónimo S. Pedro do Sul tivesse a ver com o ponto cardeal, aponta-se agora como mui provável uma aculturação, ou melhor, uma cristianização do que poderá ter sido o nome romano.

Em suma, estamos perante a dedicatória a uma divindade local, feita por um soldado que indica o cargo que ocupa (ou ocupou) numa coorte da centúria de Tibério Cláudio Modesto. Por o centurião assim se designar, a possibilidade de o monumento se situar no reinado do imperador Cláudio (41-54) é deveras verosímil, mormente tendo em conta o reconhecido papel interventivo que Cláudio teve na Hispânia.

A proposta de reconstituição seria, pois, desta forma:

[BAN?]DE ALABAR(aica?) [?] / SVLI AVITVS / MIL(es) ·
SIGNIFER [vel IMAGINIFER] C(o)HOR(tis) · [...] / AL[...] · CEN(turiae)
TIB(erii) · CLAVDI(i) / MODESTI · V(otum) · L(ibens) · A(nimo) · S(olvit)

Ou seja:

A Banda (?) Alabaraica (?) Sulis – Avito, soldado porta-estandarte (ou porta-insígnias) da coorte [...] da centúria de Tibério Cláudio Modesto, cumpriu o voto de livre vontade.

⁴ Agradeço ao Doutor Jorge de Alarcão esta informação, assim como o interesse que demonstrou em relação a esta pesquisa, na medida em que também tivera oportunidade de, em 2021, voltar a exprimir a ideia de que a designação de S. Pedro do Sul poderá estar relacionada com a divindade *Sulis* (in Borges 2021).

Por consequência,

- a) pode continuar a integrar-se este testemunho epigráfico – cuja autenticidade se confirma – no rol dos que testemunham a devoção dos soldados romanos às divindades do seu local de origem;
- b) pode apontar-se a 1^a metade do século I como datação do monumento, tendo em conta o nome do centurião;
- c) e pode, sobretudo, trazer-se nova luz à importância das termas romanas de S. Pedro do Sul, dada a presença desta dedicatória à divindade Sulis, de tamanho renome em terras britânicas.
- d) Pode, finalmente, banir-se de todo – por não ter base documental – a divindade *Cabar e, concomitantemente, considerar sem fundamento a aproximação com Minerva Cabardiacensis e o pagus Cabardensis.

José d'Encarnação

Bibliografia

AE = *L'Année Épigraphique*. CNRS, Paris.

ALARCÃO, Jorge de, "Geografia política e religiosa da *civitas* de Viseu". *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu, 1989, pp. 305-314.

ALARCÃO, Jorge de, "Uma proposta de interpretação das Termas Romanas de São Pedro do Sul". In BORGES, Nuno Miguel. *Termas Romanas de São Pedro do Sul*. S. Pedro do Sul, 2021.

ALBERTOS FIRMAT, M^a Lourdes, *La Onomastica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Betica*. Salamanca: CSIC, 1966.

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María, "Aportaciones al estudio de las religiones primitivas de España". *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 30, 1957, pp. 15-86.

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María, *Religiones Primitivas de Hispania, vol. I – Fuentes Literarias y Epigráficas*, Roma, 1962.

BLÁZQUEZ, José María, *Diccionario de las Religiones Prerromanas de Hispania*. Madrid: Ediciones Istmo, 1975.

CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum*.

CIL II = HÜBNER, Emil, *Corpus Inscriptionum Latinarum – II*. Berlim: Academia das Ciências, 1869 e 1892.

CUNLIFFE, Barry W. and DAVENPORT Peter, *The Temple of Sulis Minerva at Bath: The site*. Oxford: University Committee for Archaeology, 1985.

DIP = ENCARNÇÃO, José d', *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975. Disponibilizada em linha, a 22-01-2015, a 2^a edição, revista e aumentada, edição do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby, acessível em <http://www.manfredclaus.de/gb/>

ENCARNÇÃO, José d', "Indigenismo e romanização na epigrafia de Viseu". *Actas do 1º Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu, 1989, pp. 315-323.

ENCARNÇÃO, José d', "Reflexões em torno de *Vacus*, divindade indígena", *Habis*, 54, 2023 pp. 173-187.

GARCIA, José Manuel, *Religiões antigas de Portugal. Aditamentos e observações as "Religiões da Lusitânia" de J. Leite de Vasconcelos. Fontes epigráficas*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1991.

HEp = *Hispania Epigraphica*, Universidade Complutense de Madrid.

HOLDER, Alfred, *Alt-celtischer Sprachschatz*. Leipzig, 1896-1907.

ILER = VIVES, José, *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971 e 1972.

IRCP = ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 2013: <http://hdl.handle.net/10316/578>

LE ROUX, Patrick, *L'Armée Romaine et l'Organisation des Provinces Ibériques d'Auguste à l'Invasion de 409*. Paris: De Boccard, 1982.

LÓPEZ CASADO, Roberto, "La pervivencia de la religiosidad indígena en los soldados del *exercitus hispanicus* a través de la epigrafía". *Hispania Antiqua*: Valladolid. XL, 2016, pp. 191-212.

ORELLI, Johann Caspar von, *Inscriptionum Latinarum Selectarum Amplissima Collectio* [...]. Turici: Typis Orelliis, Fuesslini et Sociorum, 1828. [Wilhelm Henzen reviu este texto e publicou-o em 1856].

POKORNY, Julius, *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*. 1ª edição, 1949-1950. 2ª: Tübingen – Bern – Munich: A. Francke, 1959-1969.

RICHMOND, I. A. and TOYNBEE, J. M. C., "The Temple of Sulis-Minerva at Bath"

ROLDÁN HERVÁS, José Manuel, "El ejército romano y la romanización de la Península Ibérica". *Hispania Antiqua*. Valladolid, VI, 1976, pp. 125-145.

SANTOS YANGUAS, Narciso, "Representaciones solares en la epigrafía romana de Asturias". *Hispania Antiqua*, XL, 2016, pp. 145-148.

[*The Journal of Roman Studies* 45](#) (1-2), Nov. 1955, pp. 97-105.

TOMLIN, Roge; WALKER, D. et alii., *The Temple of Sulis Minerva at Bath: vol. 2 The Finds from the Sacred Spring*. Oxford, 1988.

VASCONCELLOS, José Leite de, *Religiões da Lusitânia*. 2.º vol. Lisboa, Imprensa Nacional, 1905.

VAZ, João L. Inês, *A Civitas de Viseu – Espaço e Sociedade*. Coimbra, 1997.